

O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DAS VARIANTES E DAS FORMAS PARALELAS

Antônio Geraldo da Cunha
Fundação Casa de Rui Barbosa

1. PRELIMINARES. Estudaremos aqui tão-somente os critérios de registro das variantes e das formas paralelas na elaboração de trabalhos lexicográficos de natureza histórica. Convém, de início, distinguir entre variantes e formas paralelas, tal como as concebemos e vamos expor neste pequeno artigo.

1.1 São variantes os diferentes registros dos vocábulos que apresentam particularidades ortográficas distintas, como, por exemplo, *abstinência*, *absteença*, *asteença*, *estença* etc. É claro que estas diferenças na grafia do mesmo vocábulo podem indicar que houve interferências diversas na formação de cada uma delas. Muitas vezes, com efeito, é possível classificá-las em dois ou mais grupos, de acordo com certas características comuns a cada um dos grupos e que, consequentemente, as diferenciam das características do(s) outro(s) grupo(s).

1.2 São formas paralelas vocábulos como *abundado/ abundante/ abundoso*, de mesmo significado, mas de formação distinta.

2. VARIANTES. No preparo de um vocabulário de uma fase histórica da língua (como o período medieval), ou de um glossário de uma determinada obra (como *Os Lusíadas*), convém que se adote o critério de abrir cada verbete com a grafia atual do vocábulo, ou, no caso de ele já se ter arcaizado, com a grafia da variante mais próxima da atual documentada nos textos consultados. As outras variantes que porventura se documentem na mesma época, ou no mesmo texto, devem ser registradas no seu respectivo lugar alfabético e remetidas para a forma atual, onde se fará o seu estudo.

2.1 Com efeito, um consulente que não disponha de conhecimentos básicos do português medieval, ou que, embora disponha destes conhecimentos, não tenha tempo material para pesquisas muito demoradas, dificilmente se lembraria de pro-

curar, num glossário de determinado texto, o vocábulo *abstinência*, caso seu registro fosse feito apenas na variante *estença* (ou *steença*).

2.2 Este processo de registro, em que só a variante encabeça o verbete, poderia levar o consulente a supor que o vocábulo *abstinência* não ocorreria no texto consultado. No *Glossário* (cf. Magne, vol. III, pág. 199, s.v. *estença*) da *Demanda do Santo Graal*, o Pe. Augusto Magne consigna a variante *estença*, mas não registra, no respectivo lugar alfabético, o verbete *abstinência*. O mesmo ocorre no *Glossário* (cf. Cintra, pág. 173, s.v. *steença*) do *Livro de Solilóquio de Santo Agostinho*, onde a Prof^a Maria Adelaide Valle Cintra registra unicamente a variante *steença*. Aliás, este processo de registro vem sendo adotado em muitos glossários medievais. Os autores de glossários de textos antigos partem do pressuposto de que, se a forma atual não ocorre no texto examinado, então seu registro não poderá ser feito nesta forma. Ora, admitindo ser válida esta opinião, poderia o autor do glossário abrir o verbete com a grafia moderna, colocando-a, por exemplo, entre colchetes (ou entre chaves, ou entre barras, etc.), a fim de chamar a atenção do consulente para a sua inexistência no texto em causa. É curioso assinalar que a Prof^a M. A. Valle Cintra adotou este processo de registro para os verbos; diz ela, nas páginas 89-90, da sua bela edição: “No caso dos verbos, quando a forma do infinito se encontra no texto, encabecei com ela o artigo. Quando não aparece, encabecei-o, para maior clareza, com a forma de infinito que fornecem outros textos da época, incluindo-a entre parênteses quadrados.”

2.3 No prestimoso *Dicionário d’Os Lusíadas* (cf. Peixoto-Pinto, pág. 82, s.v. *Alifante*), publicado em 1924, os ilustres camonistas brasileiros, Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto, consignam *alifante*, mas não registram *elefante*. Observe-se que na 1^a edição do Poema a variante que aí se documenta é *Aliphantes*, com inicial maiúscula e *-ph-* (cf. IAVL, s.v. *elefante*). Quem pretendesse fazer a história do vocábulo *elefante* talvez não se apercebesse, consultando esse dicionário, da sua ocorrência em *Os Lusíadas*.

2.4 Convém observar que o vocabulário de qualquer período histórico (medieval, quinhentista, seiscentista, etc.) deve ser concebido como parte integrante do vocabulário da Língua Portuguesa de todas as épocas, desde suas origens até nossos dias. As diferentes fases históricas da língua não justificam tratamentos lexicográficos muito diferenciados. As variantes devem, portanto, ser englobadas num único verbete, a fim de que o estudioso possa verificar, facilmente e com presteza, a evolução do léxico, observando, por exemplo, que determinada forma popular ou semi-erudita, que se documenta em épocas remotas, foi posteriormente refeita por influência erudita.

2.5 Qualquer trabalho lexicográfico de caráter histórico (glossários, índices vocabulares, vocabulários, etc.) deve ser preparado com vistas ao futuro dicionário

da língua, baseado em princípios históricos. Não podemos prescindir das preciosas informações que estes trabalhos preliminares poderão fornecer às futuras gerações, as quais, um dia, farão o levantamento e a ordenação de todo esse material, para levarem a bom termo a elaboração do tão almejado *Dicionário da Língua Portuguesa, baseado em princípios históricos*.

2.6 Estendemos nosso critério de registro a todas as variantes documentadas nos textos da língua, até mesmo àquelas que só se distinguem por pequeníssimas oscilações de grafia, tais como, por exemplo: *derradeiro / deradeiro / deradejro / deradeyro / derradeyro / derredeyro / dirradeyro* (cf. IVPM, vol. 3, s.v. *derradeiro*).

2.7 Pode parecer a alguns estudiosos que esta preocupação com o registro das variantes não contribua, de forma efetiva, para o maior conhecimento da história do vocábulo e para a determinação da sua etimologia. Concordamos, em parte, com esta tese, mas como não podemos, *a priori*, determinar para cada vocábulo as causas internas e externas que interferiram na sua formação, julgamos prudente consignar (e datar) todas as variantes que se nos depararem nos textos consultados.

2.8 Um tratamento lexicográfico bastante complexo oferece, por exemplo, o vocábulo *caleça* “antiga carruagem de duas ou quatro rodas e de tração animal”, a qual ainda trafegava no princípio deste século. As variantes do vocábulo, documentadas a partir do século XVII, atestam a influência do francês e do italiano. Um estudo algo minucioso da formação dessas variantes em português e das variantes correspondentes em castelhano, catalão, francês, italiano e, bem assim, nas línguas germânicas e eslavicas, foi por nós desenvolvido na redação do verbete *caleça*, nas *Influências Eslávicas na Língua Portuguesa* (cf. IELP, s.v. *caleça*). As variantes aí arroladas foram distribuídas em quatro grupos: α . *caleço* (de 1697), *calessa* (1739), *calleça* (1739), *caleça* (1794); β . *caleja* (1677), *calleja* (1677), *calege* (1699); γ . *calego* (variante duvidosa, registrada por Cândido de Figueiredo, na 2ª edição, de 1913, do seu *Dicionário*, que atribui seu emprego ao Pe. Manuel Bernardes, nas *Armas da Castidade*, onde, todavia, não a encontramos nas três primeiras edições, de 1699, 1737 e 1758, que consultamos); δ . *calèxe* (1712), *caleche* (1717). O vocábulo remonta ao tcheco *kolesa*, através do francês e do italiano, de acordo com as variantes acima referidas, as quais foram de grande utilidade para a determinação da etimologia próxima e remota de *caleça* e da sua difusão em português.

2.9 Importante, também, foi o tratamento lexicográfico que mereceram as variantes do vocábulo *cossaco*, estudadas naquele nosso trabalho (cf. IELP, s.v. *cossaco*). Aqui, porém, o estudo das variantes foi centrado no levantamento estatístico da frequência de uso dos três grupos de variantes: α , β e γ . Com efeito, os textos consultados patenteiam a existência de 11 variantes ortográficas distintas, distribuídas naqueles três grupos, de acordo com a diferenciação característica na repre-

sentação gráfica do fonema consonântico da segunda sílaba do vocábulo: -s-, -ss- e -z-. São as seguintes as variantes ali registradas e abundantemente documentadas: α. *cosaco* (de 1656), *cosako* (1688), *kosako* (1717); β. *cossaco* (1656), *cossako* (1716), *kossako* (1716); γ. *cozaco* (1693), *cozako* (1716), *kozakko* (1716), *kozako* (1721), *cozaque* (1760).

2.10 Poderíamos aumentar o número de exemplos que comprovam a importância das variantes para a fixação dos étimos de numerosos vocábulos e, principalmente, dos aspectos históricos que interferiram na formação de cada um deles. Pareceu-nos, contudo, que os que aqui apresentamos já são suficientes.

3. FORMAS PARALELAS. O tratamento lexicográfico das formas paralelas obedece a critérios diferentes do das variantes. No português medieval, por exemplo, para o conceito de *abundante*, registraram-se três formas paralelas: *abundado*, *abundante* e *abundoso*; cada uma delas deve ser registrada em verbete próprio, em cada um dos quais vão incluídas as respectivas variantes. É interessante referir que, em face da copiosa documentação coligida para o nosso *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (cf. IVPM, vol.I, págs. 8-9), pudemos comprovar que *abundado*, *abundante* e *abundoso* ocorrem numa ordem de freqüência bem diversa da que hoje se observa; assim, das três formas, a mais freqüente é *abundoso*, seguindo-se-lhe *abundado* e *abundante*. Os advérbios correspondentes mantêm a mesma ordem de freqüência: em primeiro lugar vem *abundosamente*, seguindo-se-lhe *abundadamente* (não ocorre nos textos consultados o advérbio *abundantemente*, o único que é hoje normalmente empregado). No IVPM, l.c., depois de registradas as três formas em verbetes próprios, estabelecemos as seguintes referências cruzadas:

abundado p.adj. ABUNDANTE.

abundante adj. Cp. ABUNDADO, ABUNDOSO

abundoso adj. ABUNDANTE.

Este processo de inter-referências afigura-se-nos muito importante, pois permite ao consulente assenhorear-se, rápida e concisamente, da existência das três formas registradas.

3.1 Ainda no português medieval, o conceito expresso pelo adjetivo *direito* “honesto, justo, correto” vem indicado por nada menos de cinco formas diferentes (cf. IVPM, vol. 3, págs. 49-50):

direiteiro adj. DIREITO, honesto, justo; cp. DIREITOSO, DIREITUREIRO, DIREITURO.

direito *adj. sm.* Honesto, justo, correto; cp. DIREITEIRO, DIREITOSO, DIREITUREIRO, DIREITURO.

direitoso *adj.* DIREITO, justo, correto; cp. DIREITEIRO, DIREITUREIRO, DIREITURO.

direitureiro *adj.* DIREITO, justo, correto; cp. DIREITEIRO, DIREITOSO, DIREITURO.

direituro *adj.* DIREITO; cp. DIREITEIRO, DIREITOSO, DIREITUREIRO.

Em cada um dos cinco verbetes vão registradas no IVPM, *l.c.*, as respectivas variantes, pelo que o consulente poderá verificar que destas cinco formas aquela que apresenta um maior número de variantes é, precisamente, a forma atual *direito*, que se documenta com o expressivo número de 18 variantes.

3.2 Mas não é só no português medieval que a pluralidade de formas se verifica. Assim, por exemplo, para designar o habitante da Croácia, os textos dos séculos XVII e XVIII (cf. IELP, IV. págs. 285-286) documentam as formas: *croaciano* (de 1717), *croácio* (1686), *croata* (1643) e *croato* (1650). Das quatro formas a que mais se difundiu nos últimos anos e que vem consignada nos dicionários contemporâneos é *croata*; alguns dicionários registram ainda *croaciano* e *croácio*, remetendo estas duas formas para o verbete *croata*, onde o vocábulo é definido.

4. CONCLUSÃO. Apresentamos, em sucinta exposição, os critérios básicos que, a nosso ver, devem ser seguidos em trabalhos lexicográficos de natureza histórica, particularmente no que diz respeito ao registro das variantes e das formas paralelas. Cumpre-nos agora ressaltar que este interesse pelo assunto decorre do nosso firme propósito de oferecer aos estudiosos uma pequena contribuição para a elaboração de glossários de obras de todos os períodos da história da língua portuguesa, de vocabulários diversos, de índices analíticos, enfim, de trabalhos lexicográficos de vária natureza. Só de posse destes trabalhos preliminares é que, num futuro não muito remoto, poderemos dar início à obra monumental, digna do nosso tão rico e formoso idioma, que será o grande e majestoso *Dicionário da Língua Portuguesa, baseado em princípios históricos*.

OBRAS CITADAS

- CINTRA, Maria Adelaide Valle. *Livro de Soliloquio de Sancto Agostinho* (Cód. Alcob. CLXXIII 198). Edição crítica e glossário [completo] por -. Publicação do Centro de Estudos Filológicos. Lisboa, 1957.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 vols. Lisboa, 1899. - 2ª ed. 1913. - 3ª ed. 1922. - 4ª ed. 1926.
- IAVL = Antônio Geraldo da Cunha. *Índice Analítico do Vocabulário de "Os Lusíadas"*. Rio de Janeiro, 1966. - 2ª ed., Rio de Janeiro, 1980.

- IELP = A. G. Cunha *Influências Eslávicas na Língua Portuguesa* [Separatas dos vols. VI, VII, VIII e IX da “Revista da Academia Fluminense de Letras”]. Niterói, 1953-1956.
- IVPM = Antônio Geraldo da Cunha. *Índice do Vocabulário do Português Medieval* vols. 1 [A], 2 [B e C] e 3 [D]. Ministério da Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1986, 1988 e 1994.
- MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. 3 vols. [2 de texto e 1 de glossário]. Rio de Janeiro, 1944. [Em 1955 e 1970, respectivamente, foi publicada, também pelo Instituto Nacional do Livro, uma 2ª edição do texto da *Demanda*, em dois volumes, com a reprodução fac-similar do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena; entre estas duas datas, em 1967, foi publicada uma 2ª edição parcial do *Glossário*, contendo apenas as palavras de A a D].
- PEIXOTO-PINTO. *Dicionário d'Os Lusíadas de Luis de Camões* por Afrânio Peixoto & Pedro A. Pinto. Impresso no Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves casa de Paulo de Azevedo & Cia. 1924.
